

A VIDA QUOTIDIANA EM CEUTA DURANTE O PERÍODO PORTUGUÊS

Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga

As vivências das populações estão sempre dependentes de um conjunto de circunstâncias, umas naturais, outras criadas pelo Homem. Algumas variantes a ter em conta passam por aspetos como a situação geográfica, o poder económico, os hábitos culturais e a religião de cada comunidade. No caso de Ceuta, ou de qualquer outro espaço que passou do domínio muçulmano para o cristão, algumas destas realidades tornaram-se ainda mais acentuadas, uma vez que se aproveitaram legados cuja receção implicou sempre algumas transformações, por vezes significativas.

Com a conquista de Ceuta, por parte dos Portugueses, em 1415, iniciou-se uma nova etapa da vida da cidade e, desde logo, dois dos problemas que mais afligiram o quotidiano das populações: o isolamento e a falta de segurança. Tratava-se de um pequeno espaço, separado da Europa pelo mar e rodeado de populações autóctones desejosas de reconquistar a cidade. Consequentemente, todos os que viveram em Ceuta terão, em algum momento, recebido os ataques, vivido algum cerco e até conhecido direta ou indiretamente os problemas decorrentes das perigosas entradas em território inimigo, as chamadas *almogaverias* que, quando levadas a cabo com êxito, permitiam obter mantimentos, designadamente gado bovino e equino, além de recompensas posteriores, como a dignidade de cavaleiro para os que nelas participavam, mas que, quando acabavam em insucesso, conduziam a mortes e cativos (Braga, 1993: 83-88).

Com uma população maioritariamente masculina, apesar da presença de algumas mulheres – quer as que pertenciam à família dos capitães quer outras de menor qualidade social, passando por prostitutas – o clima belicista era naturalmente pesado. A insegurança e o medo pontuavam e disso mesmo foram fornecidos diversos testemunhos. Por exemplo, em 1534, D. Duarte de Meneses, capitão interino da cidade, escreveu a D. João III: “Senhor, sempre vivemos nestes medos e não temos outros proveitos desta vossa guerrase não mataram fulano, cativaram fulano e não tiraram fulano” (*apud*. Braga e Braga, 2010: 292). Efetivamente, qualquer ato menos cuidadoso, como deixar o interior das muralhas para apanhar tâmaras, podia levar ao cativo, pois o inimigo estava sempre próximo

e atento. Neste contexto não se estranham depoimentos como um de 1566, em que alguém referia que os habitantes das praças marroquinas não ousavam sair do espaço amuralhado pois “los moros están tan cerca que cada dia les corren la tierra hasta las puertas de los dichos lugares” (*apud*. Braga e Braga, 1998: 110). Perante um clima de constante sobressalto, de muitas escaramuças, de ataques e de alguns cercos (1418, 1419, 1453 e 1464) – lembremos que quer o rei de Fez quer os turcos procuravam atacar a cidade – foram vulgares os ferimentos resultantes dos combates. Recordemos as palavras do cirurgião Diogo Salvador, em meados do século XV: em Ceuta, curara “muitos homens de mui grandes feridas e delas mortais de que eles em breve tempo ficaram sãos” (*apud*. Braga e Braga, 2010: 289). No entanto, este não foi o único problema de saúde das populações. Os surtos de peste documentados – 1443, 1451-1453, 1455, 1557, 1574-1579, 1579-1580, 1592 e 1602 – deram igualmente trabalho a físicos (médicos), cirurgiões e boticários, além de todo um conjunto de padecimentos que assolaram as populações independentemente do lugar onde se encontravam.

O clima de tensão também se vivia dentro de portas. Ceuta contava com população fixa e flutuante. No primeiro caso temos os moradores da praça, dos diversos grupos sociais; no segundo, os homens de armas e todos os que estavam de passagem mesmo que involuntariamente, caso dos degredados, ou acidentalmente, dos cativos que haviam conseguido escapar para solo cristão. Havia ainda estrangeiros, judeus, mouros, cristãos-novos de judeus e mouriscos. Como em qualquer outra cidade, a conflituosidade das populações fazia parte do quotidiano, ao mesmo tempo que pequenos e grandes problemas – furtos, roubos, pancadas, ferimentos e mortes – davam origem a insultos e a mais violência física não raramente envolvendo o uso de armas. No caso de Ceuta, algumas contendas foram, contudo, potenciadas pela convivência entre pessoas de credos diferentes ou entre pessoas descendentes de elementos das antigas minorias étnico-religiosas: mouros e judeus.

3

1635 x despendes odito tiz^{ro} q' des asca foz
canels por serdar ad perez pex
glz se sent^o y e delom^o y despende
o asinei agua Appo da reuedo 0700

1635 x despendes odito tiz^{ro} de custas quatro
sent^o e serent^o y e do est^o foz lurre
odito perez e delom^o y despende o
asinei agua Appo da reuedo 0440

x despendes odito tiz^{ro} q' des a foz
da brocha d'osent^o e serent^o y de lura
arbitraria q' pertence a t'osent^o
e d'osent^o de lura Felipe e do delom^o
y despende o asinei agua Appo da reuedo 0260

x de lura es mola q' sedes a luras p
agudo d'osent^o y q' despende odito
tiz^{ro} ant lura e delom^o y despende
o asinei agua Appo da reuedo 0200

ou de domingos
30 dom^o x despende tiz^{ro} a as mias da casela
e as reita quatro sent^o e serent^o
e delom^o y despende o asinei agua Appo da reuedo 0483

x despende odito tiz^{ro} e a ama da casa
e lura e d'osent^o y despende
o asinei agua Appo da reuedo 0088

x despende odito tiz^{ro} seig sent^o y
q' sedera a am lura q' lura e ngital
e do delom^o y despende o asinei agua Appo da reuedo 0600
2077

Face a judeus, mouros, cristãos-novos de judeus e mouriscos houve determinações régias que limitaram as suas vivências. Por exemplo, judeus e mouros não se podiam alojar em casas de cristãos-novos quando iam mercadejar a Ceuta. Por outro lado, os judeus ficavam confinados às suas casas durante a semana santa. No que se refere aos mouros, havia-os livres e cativos. Os primeiros, em escasso número, dedicavam-se ao comércio e ao resgate de cativos, enquanto os segundos tinham que assumir um comportamento discreto do ponto de vista religiosos e à noite recolher às masmorras. No que se refere aos mouriscos não raramente colaboraram com os portugueses nas almogaverias (Braga e Braga, 1998: 53-70). A presença de gentes tão diversas dava à cidade um colorido particular, visível na indumentária. Atendendo a que os trajas cristãos eram muito diferentes dos que se usavam no mundo muçulmano, não será de estranhar que “calções verdes, borzequins vermelhos, sapatos brancos, tudo em hábito mourisco”, ou “almilhas e albernozes”, vestimentas envergadas por certos mouriscos no início do século XVII, certamente afins às de outros, chamassem a atenção.

No domínio alimentar, Ceuta, antes da conquista portuguesa, foi uma cidade semelhante aos outros espaços magrebins e ao sul da Península Ibérica. Ou seja, os habitantes dispunham – tendo em conta as suas possibilidades económicas, o tipo de refeição, a sazonalidade de alguns alimentos e os constrangimentos religiosos, designadamente a interdição do consumo de alimentos impuros, tais como o porco – de carne, peixe, frutas e legumes. As intervenções arqueológicas e os estudos de paleobiologia permitiram documentar uma alimentação baseada em cereais apesar de a cidade ser deficitária, daí a presença de vários silos; frutos frescos muito diversificados (ameixas, amoras, azeitonas, bananas, cerejas, cidras, damascos, figos, laranjas, limas, limões, maçãs, marmelos, peras, pêssegos, romãs e uvas), frutos secos (amêndoas, avelãs, castanhas e nozes), verduras, cultivadas quer nas zonas periurbanas quer nos quintais das casas; cana-de-açúcar, algumas variedades de moluscos e peixes (atum, boga, cherne, dourada, peixe espada, rascasso e sardinha, de entre outros), sem esquecer a carne, designadamente galinhas, coelhos e exemplares de gado caprino, ovino e vacum (Lozano, 2010: 39-60). Os pratos eram preparados com azeite, manteiga, sal, vinagre, especiarias e ervas aromáticas. Das bebidas sabe-se menos: algumas fermentadas feitas a partir de cereais, sumos de frutas e vinho, apesar da proibição. A presença de infraestruturas como fornos, matadouros e moinhos facilitavam a preparação dos alimentos vendidos já preparados ou manipulados nas casas particulares em utensílios cerâmicos (Hita et al., 2010: 101-150). Ora, com a presença portuguesa estas características mantiveram-se se excetuarmos a ausência do consumo da

carne suína e o parco consumo de vinho, esse proveniente de Portugal, em especial do Algarve, apesar de a aguardente se fazer em Ceuta (Posac, 1978: 209). Os legumes e frutos presentes em campos e hortas foram notados por diversas figuras que passaram pela cidade, o mesmo acontecendo com a caça de codornizes, perdizes, pombos e coelhos (Braga e Braga, 2007: 284). Por seu lado, a criação de porcos ficou a cargo de andaluzes e de cristãos-novos castelhanos (Ricard, 1955: 152). Ceuta não dispunha de alimentos suficientes para satisfazer as necessidades da população ficando dependente do abastecimento proveniente quer do reino quer da feitoria da Andaluzia o qual nem sempre era atempado nem suficiente. Daí situações de fome sempre reportadas em cartas dirigidas aos monarcas (Braga e Braga, 2010: 285-286). E este é mais um dos traços marcantes do quotidiano das populações estantes na cidade, o qual resulta diretamente do clima de tensão que dificultava ou impedia as trocas e do isolamento a que as populações que habitavam na cidade estavam sujeitas.

Se, antes da conquista, Ceuta era um importante espaço comercial no qual abundavam os mais variados produtos, a partir da conquista a situação da cidade conheceu alterações. A saída de quase toda a população autóctone, a ocupação dos espaços habitacionais pelos recém chegados, a transformação da mesquita em igreja, a presença de cristãos, mouros, judeus, cristãos-novos de judeus e mouriscos e, em especial, o clima de tensão, o isolamento e a insegurança foram os responsáveis pelas principais diferenças do quotidiano dos que se instalaram em Ceuta se tivermos como padrão de comparação o reino.